

A RESPONSABILIDADE DA PRÁTICA DOCENTE NO DESLOCAMENTO SUDESTE-NORDESTE.

The responsibility of teaching practice in the southeast - northeast displacement.

Violeta PAVÃO Pampuri Mendes*

RESUMO¹: O presente ensaio analisa a prática docente de profissionais que se deslocam do sudeste para o nordeste do Brasil, para lecionar em universidades interiorizadas do Ensino Superior. A autora compreende que este deslocamento vem carregado de práticas coloniais refletidas em conflitos em sala de aula. As reflexões são potencializadas a partir dos pensamentos de Jota Mombaça (2018), Leda Maria Martins (2020) e Luiz Rufino Rodrigues Junior (2019), entre outras artistas-teóricas, com as quais é possível aprofundar investigações sobre reparação histórica, tensionamentos de fronteiras, práticas pedagógicas decoloniais, entre outros pontos relevantes para este trabalho que levam em conta fatores sociais, econômicos, culturais e históricos subsumidos nas academias do sudeste e nordeste. A partir desses pontos, deseja-se que as práticas pedagógicas sejam reavaliadas e contextualizadas com os processos históricos de formação do Brasil e em relação saudável com os territórios das universidades interiorizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento. Educação Decolonial. Docência. Prática Pedagógica. Ensino Superior.

ABSTRACT: The present essay analyses the teaching practice of workers who displace themselves from Brazil's southeast to Brazil's northeast, to teach in countryside universities. The author comprehends that this displacement comes with colonial practices that reflects in classroom conflicts. The discussions are enhanced by the thoughts of Jota Mombaça (RN), Leda Maria Martins (MG) and Luiz Rufino Rodrigues Junior (RJ), among other theoretician-artist people, with whom is possible to further the investigations on historical restitution, tensing of boundaries, decolonial educational practices, among other relevant issues to this work that take into account social, economic, cultural and historic factors which shape the southeast and northeast colleges. Departing from these points, the pedagogical practices should be reassessed and placed in context regarding Brazil's historical formation processes and in a healthy connection to the territories of countryside universities.

KEYWORDS: displacement. decolonial education, teaching. educational practice. higher education.

* Mestre em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Professora Assistente no curso Artes Visuais da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB), <https://orcid.org/0000-0002-5132-9856>, violetapavao@gmail.com

¹ Resumo do artigo em espanhol: **LA RESPONSABILIDAD DE LA PRÁCTICA DOCENTE EN EL DESPLAZAMIENTO SUDESTE – NORESTE. RESUMEN:** El presente ensayo académico analiza la práctica docente de profesionales que si dislocan del sudeste para el noreste de Brasil, para dar clases en universidades del interior de Educación Superior. La autora comprende que ese desplazamiento viene con prácticas coloniales reflejadas en conflictos en la clase. Las reflexiones son potenciadas a partir de los pensamientos de Jota Mombaça (2018), Leda Maria Martins (2020) e Luiz Rufino Rodrigues Junior (2019), entre otras personas artistas-teóricas, con las que é posible profundizar las investigaciones acerca de la reparación histórica, tensionado de las fronteras, prácticas educacionales decoloniales, entre otros puntos relevantes para ese trabajo que tienen en cuenta los factores sociales, económicos, culturales e históricos que forman las universidades en el sudeste e noreste. A partir de esos puntos, esperase que las prácticas pedagogicas sean reevaluadas y contextualizadas con los procesos históricos de formación de Brasil y en un saludable conexion con los territorios de las universidades interioranas. **PALABRAS CLAVE:** Desplazamiento. Educación Decolonial. Docencia. Práctica Educacional. Educación Superior.

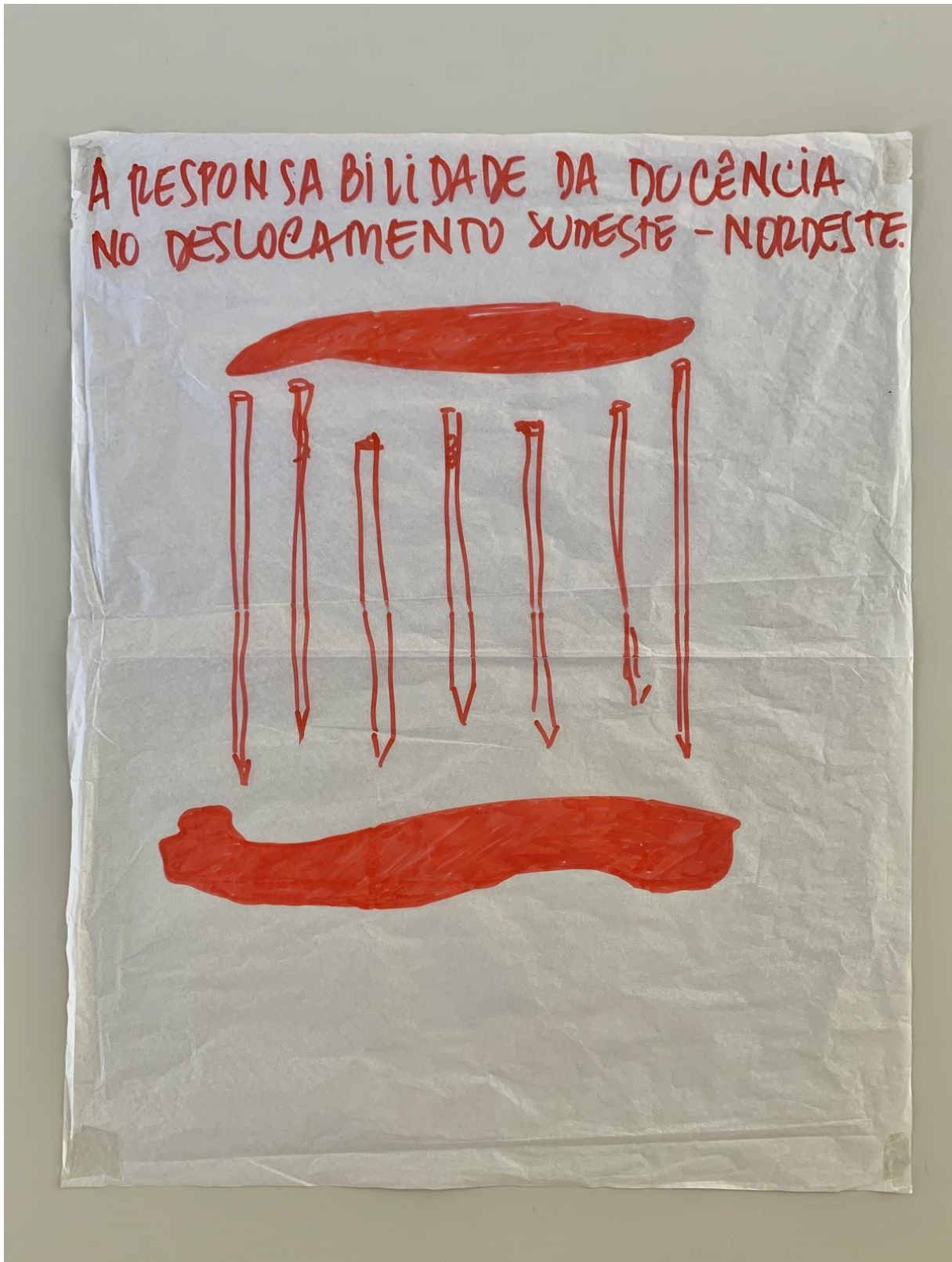


Figura 1 – Desenho-pensamento sobre o tema abordado, 2019.
Fonte: Arquivo da autora.

Introdução

Esse texto tem como propósito observar deslocamentos de profissionais do ensino superior do sudeste para o nordeste e apontar caminhos para uma educação decolonial no contexto da interiorização universitária. A pesquisa se dá por meio do deslocamento da autora, que sai do Rio de Janeiro (RJ) em 2018 e passa a lecionar no ensino superior no estado da Bahia, passando da Mesorregião do Vale São-Franciscano para a Mesorregião do Extremo Oeste Baiano. Em Juazeiro/BA a autora lecionou como professora substituta na Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF) e hoje vive em Santa Maria da Vitória/BA e leciona na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). A costura sobre deslocamento sudeste-nordeste e pedagogias decoloniais é feita a partir das teorias sobre deslocamento de Jota Mombaça (2016) e das teorias sobre encruzilhada e pedagogia a partir do pensamento de Leda Maria Martins (2020) e Luiz Rufino (2019) e surge da urgência em reavaliarmos o lugar de poder ocupado pelas pessoas docentes e como este poder é agenciado em territórios específicos. O texto é perpassado por pessoas teóricas e artistas que elaboram mundos e processos pedagógicos a partir de teorias interseccionais e decoloniais e é motivado em função da escassez de uma reflexão específica sobre o deslocamento sudeste-nordeste e a docência. Pensar em tais territórios significa problematizar as relações de tensões políticas, econômicas e sociais para que possamos, então, reformular futuros, presentes e passados na educação interiorizada, pública e de qualidade.

Deslocamentos

Desde que cheguei na Bahia tenho pensado no fluxo de pessoas que se deslocam do sudeste para o nordeste. E acredito que refletir sobre o trânsito de profissionais docentes é relevante para ampliarmos as discussões sobre embates sociais, econômicos, culturais que se manifestam nesses deslocamentos. A palavra neste primeiro momento é DESLOCAMENTO. Desta maneira, pergunto: como nós, profissionais do sudeste, posicionamo-nos diante dos novos territórios no nordeste onde passamos a viver?

Tenho observado que somos nós, muitas vezes, que criamos conflitos, intolerâncias e violências, das mais sutis, às mais profundas. Se é que existe violência sutil. Vejo uma explosão de práticas discriminatórias do cotidiano que ganham força com a última eleição presidencial,

que tem “autorizado” tais práticas. No contexto da educação, podemos pontuar racismos institucionais, relações de poder (adoecido) entre docente-discente, misoginia em sala de reunião – onde macho tóxico¹ fala alto e encerra o assunto, enfim, muitas maneiras de praticar violências e que recebem, aqui neste estudo, atenção profunda quando são praticadas por profissionais que se formaram e se deslocaram do sudeste para o nordeste.

Docentes sem maturidade para ouvir críticas quanto a ementa - jogando livro no chão, batendo no quadro e falando alto; chegando em espaços sem nenhum respeito com as práticas culturais locais; com visões estereotipadas deste território novo no qual estão recém inseridos, sem interesse em criar relação com a comunidade; entre outras práticas colonizadoras que não deveriam fazer parte da prática docente. Apesar de que, se fizermos aqui um recorte racial, como bem analisa Silvio Almeida² (2018) na palestra *História da discriminação racial na educação brasileira*³, se não fosse a educação, o racismo não teria como se reproduzir. E o projeto de educação que ainda temos, tem o racismo, epistemicídio, sexismo, machismo, lgbtqiafobia e o preconceito de classe como base, portanto, é esperado que práticas adoecidas estejam dando suporte para a educação.

Esse silêncio que nos leva a esse interesse pela questão racial se dá pelo fato da gente enxergar a questão racial, o racismo, como algo que é estranho a educação. (...) Nós acreditamos que de alguma maneira a educação é uma espécie de antídoto contra o racismo e contra os males do mundo, nós acreditamos, de alguma maneira, que a educação é capaz de transformar as pessoas e a educação transforma as pessoas mesmo. A educação é um processo de formação, de construção de sujeitos. Sujeitos que terão papel importante na vida social, na confecção do que a gente chama de história. Sem dúvida alguma. Só que o problema é que a gente acha que a educação sempre tem um papel transformador e emancipador e não é exatamente assim. Então já começo fazendo uma afirmação para mim muito difícil de fazer como educador. Eu diria o seguinte as senhoras e senhores: Se não fosse a educação, o racismo não teria como se reproduzir. Sim, o racismo faz parte de todos os projetos e dos processos educacionais. O racismo não tem como se reproduzir

¹ Sobre masculinidade tóxica ver na bibliografia o texto *Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!* (2016) de Jota Mombaça. Ensaísta e artista da performance, Jota Mombaça nascida e criada no Nordeste do Brasil, escreve, performa e faz estudos acadêmicos em torno das relações entre monstrosidade e humanidade, estudos kuir, giros descoloniais, interseccionalidade política, justiça anticolonial, redistribuição da violência, ficção visionária e tensões entre ética, estética, arte e política nas produções de conhecimentos do “sul-do-sul” globalizado.

² Silvio Luiz de Almeida (São Paulo, 17 de agosto de 1976) é advogado, filósofo e professor universitário. É autor dos livros *"Racismo Estrutural"* (Polén, 2019), *"Sartre: Direito e Política"* (Boitempo, 2016)ⁱⁱⁱ e *"O Direito no Jovem Lukács: A Filosofia do Direito em História e Consciência de Classe"* (Alfa-Ômega, 2006). Também preside o Instituto Luiz Gama.

³ Ver bibliografia.

longe das políticas educacionais. Então talvez este silêncio, em relação a questão racial, seja o fato de que nós naturalizamos o racismo de tal modo que ele não aparece diante de nós como um problema e, quando ele aparece, aparece como algo externo aquilo que a gente quer fazer e não como algo que está diretamente relacionado aquilo que nós vamos fazer ou aquilo que nós estamos fazendo há muito tempo. (ALMEIDA, 2018, 00:04:15 - 00:05:56)

Instituições de educação e arte permitem o funcionamento deste sistema racista/sexista/xenofóbico/lgbtqiafóbico. “Essa cidade é uma bosta”, ouvi de um docente do sudeste - que também atua no nordeste - dizer, se referindo a Santa Maria da Vitória (BA). Quando ele pronuncia estas palavras, acaba construindo uma imagem desta cidade de que não há nada de valioso neste território. Ao realizar o deslocamento de São Paulo e não desconstruir o pensamento do sudeste como centro, o docente pratica violência com os modos de viver da população santamariense. Ele é o mesmo que ri do nome de um artista local, na mesa do bar, gargalhando e fazendo piadas. Quando uma docente – que também faz o deslocamento sudeste-nordeste - compara o comportamento de seus alunos a “índios que trocam qualquer coisa por espelhos” ela está violentando as memórias indígenas, que tentam se reconstruir cotidianamente, desde o estupro colonial; fere as possibilidades de leitura dos discentes sobre suas próprias imagens e de sua comunidade; ela rouba uma imagem e coloca outra no lugar; repete o que historiadores da arte fazem com as comunidades tradicionais quando não conseguem olhar para o mundo a partir de perspectivas não cisbrancoeurocentradas; além de demonstrar profundo desconhecimento sobre as cosmovisões indígenas. Um artista local citou um professor da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) que disse que a universidade veio para colonizar o Oeste.

São inúmeras as histórias na colônia contemporânea da educação e venho por meio dessa escrita denunciar estas palavras, estes modos de colonizar o nordeste mais uma vez. Desta maneira, penso em quanta violência produzimos - por não observarmos que nossos corpos em deslocamento têm, em grande parte, experiências discrepantes e privilegiadas. Quantas potencialidades desperdiçadas das encruzilhadas! E proponho pensarmos no cruzamento dos territórios como lugares de criação, tendo em vista que para isso acontecer, devemos estar atentos ao que representa nosso corpo nos deslocamentos de mundos.

O recado está sendo dado e nós precisamos escutar. Segue trecho de entrevista de Jota Mombaça, para a plataforma negrxs.com⁴:

Às vezes, por não considerar o tecido assimétrico das posições sociais e, frequentemente, por assumir, que desde sua própria posição é possível observar tudo, os brancos produzem uma forma de realismo arrogante, derivado de sua ignorância ativa, me explico: de uma ignorância que não se caracteriza pela falta de informação ou de conhecimento, senão por uma economia da percepção (uma cognição), da qual a subjetivação da supremacia branca depende integralmente. Desde este lugar, se produz violência, que é a violência da inferiorização e da exclusão das existências negras e historicamente racializadas do campo da existência social, dominado pelo realismo branco. E isso opera, ainda que os indivíduos brancos não o queiram conscientemente. (MOMBAÇA, 2018)⁵

A sala de aula é o local onde as pessoas discentes passam quatro anos ou mais de suas vidas e onde a prática pedagógica das pessoas graduadas poderia se fortalecer. Enquanto nossas vivências atropelarem outros territórios, falarei. A docência não estaria nessa relação de ouvir para propor? Penso que, para mim, se a arte não for este lugar de repensar os estragos coloniais, fortalecer as práticas artísticas de maneira crítica, baseado na escuta e na análise do deslocamento sudeste-nordeste do docente e outros deslocamentos, de nada adiantarão os seminários, os congressos, os encontros, as aulas preparadas, as preocupações com a norma escrita. Nós precisamos lidar com o peso histórico de nossos corpos.

Santa Maria da Vitória está localizada no extremo oeste baiano, foi povoada na primeira metade do século XIX para mineração de ouro e mais tarde para a agricultura. Durante os séculos XIX e XX, recebeu grandes fluxos de migração de famílias que fugiam das secas, em sua maioria comunidades quilombolas e indígenas. Então reflitam: Santa Maria da Vitória e região, para muitas famílias, foi símbolo de riqueza por conta da água, esperança de uma qualidade mínima de vida, de dignidade.

⁴ Ver bibliografia.

⁵ Tradução da autora para o trecho original: *A veces, por no considerar el tejido asimétrico de las posiciones sociales y, frecuentemente, por asumir que desde su propia posición es posible mirarlo todo, los blancos producen una forma de realismo arrogante, derivado de su ignorancia activa, me explico: de una ignorancia que no se caracteriza por la falta de información o de conocimiento, sino por una economía de la percepción (una cognición), de la cual la subjetivación de la supremacía blanca depende integralmente. Desde allí, se reproduce la violencia, que es la violencia de la inferiorización y de la exclusión de las existencias negras e históricamente racializadas del campo de la existencia social, dominado por el realismo blanco. Y eso opera, aunque los individuos blancos, no quieran conscientemente.* (MOMBAÇA, 2018)

Hoje, diante de um cenário de grandes fazendeiros na região que praticam a monocultura, pecuária intensiva, enxergamos as lutas diárias que famílias rurais, sendo algumas delas as mesmas que migraram para Santa Maria da Vitória e região, travam cotidianamente, para manterem seu pedaço de terra, para não terem suas terras e rios encharcados de agrotóxicos e nem inundados para a construção de hidrelétricas. Estou abrindo um pouco a história do território que hoje vivo para que possamos fazer da prática docente, efetivamente, uma prática dialógica; para que o ponto de vista de quem se forma no sudeste seja reconstruído, em atenção às especificidades de cada território, para que tenhamos coragem de não seguir repetindo, para que não nos tornemos fazendeiros da educação. Vamos fazer o exercício de ouvir o que a comunidade quer e não agir como você, docente, acredita que essas comunidades deveriam viver. Como bem colocou em conversa Conchita Silva ao falar de sua vivência em Correntina/BA, território vizinho a Santa Maria da Vitória: “*a gente só quer viver do nosso jeito*”⁶. Se não reconhecermos os territórios e identidades que se (re)afirmam e (re)definem em cada parte deste nordeste, continuaremos fazendo parte da construção dos conflitos, intolerâncias e violências coloniais.

Interessa trazer a reflexão sobre os estudos decoloniais, que nos ajudam a imaginar ações coletivas para responder ao nosso tempo, em relação ao que já foi e o que ainda está por vir:

É necessário abrir um breve histórico sobre o surgimento dos estudos decoloniais, que se estruturam como uma resposta aos estudos pós-coloniais da década de 1990, que tinham como pesquisadores membros latinos, mas que ainda se fixavam em intelectuais estadunidenses e europeus. O que se mostrou como uma evidente falha ao que hoje buscam os estudos decoloniais, que é a efetiva referência latinoamericana nas escritas e práticas nos processos de resistência dxs corpxs da América Latina, colônias caribenhas e antilhanas - há de se dizer colônia, pois não é possível falar em pós-colônia, o pós-colonial não existe⁷, já que as batalhas da colonização seguem em agência em tais territórios. Considero como trabalhos decolonizadores aqueles que buscam

⁶ Conchita Silva nasceu em Correntina (BA), em uma área em transição entre a Caatinga e o Cerrado. Neta de geraizeiro, da comunidade tradicional de Fundo e Fecho de Pasto, milita pelas comunidades rurais de diversos modos. Atualmente é estudante da UFOB no curso de Licenciatura em Artes Visuais e se declara como artista. Em seus trabalhos busca trazer as problemáticas socioambientais e políticas vivenciadas no oeste baiano. Defensora do Cerrado, dos recursos hídricos e de um modo geral da sua população geraizeira ou não, seu maior sonho é um dia ver esse território e sua população livre, (re)existindo. Nem que para isso custe novamente o isolamento dessas terras.

⁷ Referência ao texto coletivo *O PÓS-COLONIAL não existe* (2016). Ver bibliografia

entender os processos da colonização e se propõem a desconstruir as relações por eles travados e que são vigentes até nossos dias. (PAVÃO, 2017, p.16)

A proposta de uma prática docente decolonial⁸, que é a que faço aqui, está baseada na percepção da violência que o deslocamento do sudeste para o nordeste cria, ainda que nossos corpos não a pratiquem de forma racional, com a intenção de. Somente após esta reflexão poderemos começar a modificar nossa prática docente. Jota Mombaça disserta sobre esta violência da mobilidade e nos ajuda a percebê-la de maneira crítica:

O ponto é, se você se encontra em uma posição qualquer que seja, para se mover, move o mundo e o mover o mundo afeta este diagrama de forças. Assim que, desde a posição dos brancos, por sua constituição hegemônica no diagrama da racionalização, mover significa fraturar o mundo e as possibilidades de outras vidas. Por exemplo, ao mover-se como cidadãos, os eurobrancos estão performando violência contra todas as pessoas que não podem se mover. Isto é importante dizer, ainda que xs brancxs não direcionem a violência e não vejam isto como injúria racial. Muitas vezes, a violência racista é pensada como a violência feita na rua, por insultos, golpes, somente. O ponto é que há que se falar de uma violência racial que é feita sistematicamente. Então, quando você vive sua vida e é branco e tem acesso aos privilégios da branquitude, exerce violência ainda que você não saiba e sobretudo quando não sabe, porque a inocência branca é um dispositivo de naturalização da violência.⁹ (MOMBAÇA, 2018)

Mombaça nos permite refletir sobre o deslocamento branco europeu e sua vivência no território europeu e, com as devidas especificidades, podemos atualizar a discussão para eixo sudeste – nordeste no Brasil. Como o deslocamento de profissionais vem acontecendo? O cenário das universidades interiorizadas é de pouquíssimos professores/as negras/es/os¹⁰,

⁸ Utilizo o termo decolonial, que se distingue do descolonial, uma vez que o “des” implica uma negação do colonial. Decolonial se apresenta como um posicionamento político que fabula lugares, afetos, desejos, compreendendo as cicatrizes que o colonial marca/marcou nos corpos. Este termo é decupado por Catherine Walsh em “Introducción. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos” (2013).

⁹ Tradução da autora para o trecho: *El punto es que, si te ubicas en una posición cualquiera que sea, para moverte, mueves el mundo y el mover el mundo afecta ese diagrama de fuerzas. Así que, desde la posición de los blancos, por su constitución hegemónica en el diagrama de la racialización, mover significa fracturar el mundo y la posibilidad de las vidas otrxs. Por ejemplo, al moverse en tanto ciudadanos, los eurobrancos están performando violencia hacia todas las personas que no pueden moverse. Esto es importante decirlo, aunque lxs blancxs no direccionen la violencia y no lo vean como injuria racial. Es que muchas veces, la violencia racista es pensada como la violencia hecha en la calle, por insultos, golpes, solamente. El punto es que hay que hablar de una violencia racial que es hecha sistemáticamente. Entonces, cuando tu vives tu vida y eres blanco y tienes los accesos a privilegios de la blanquitud, ejerces violencia aunque no sepas y sobre todo cuando no lo sabes, porque la inocencia blanca es un dispositivo de naturalización de la violencia.* (MOMBAÇA, 2018)

¹⁰ Utilizo a linguagem neutra em alguns trechos para atender a uma linguagem não binária, em relação ao gênero.

indígenas e locais e, somando o fato da não disponibilidade de docentes em trabalhar a partir de uma prática decolonial, deparamo-nos com um cenário da educação ainda com práticas excludentes, racistas, homofóbicas, misóginas, patriarcais, enfim, retrógradas. Existe toda uma estrutura que deve virar cinza: as instituições educacionais e de ensino superior desconhecem a própria história colonial e de pré-colonização do território no qual está sediada; a não percepção do corpo docente na manutenção de relações racistas e hierarquizadas dentro de sala de aula; colegiados despreparados para lidar com discussões étnico-raciais levadas pelos discentes; docentes que ignoram possibilidades pedagógicas decoloniais; discentes que adoecem por conta de relações hierárquicas, entre outros modos de opressão praticados. Quando os deslocamentos dos docentes são feitos sem responsabilidade com o novo chão que se pisa, uma área de tensão é criada.

Encruzilhadas

Vivenciar os Sertões de Juazeiro e agora o Oeste Baiano tem sido de uma importância profunda neste meu processo de entrada na docência. A Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF e a Universidade Federal do Oeste da Bahia - UFOB são projetos em construção e que precisam saber ouvir os discentes para que se tornem espaços de criação conjunta, para que ensino, pesquisa e extensão possam fazer sentido nestes territórios. Para que os deslocamentos dos docentes produzam coisa mais relevante do que um currículo extenso no Lattes.

As espacialidades distintas por onde meu corpo se desloca têm se relacionado com minhas performances de maneira bem caranguejo. Existe um tempo de chegada, de compreensão do território que se chega, de escuta e buraco. Fundo, repouso. Sinto que minha prática artística tem sido, na maior parte do tempo, nestes pequenos e grandes trinta e seis meses de docência, a criação de planos de aula. Escolher artistas, desobedecer ementas, fazer a colagem de imagens/trabalhos que vão ajudar a construir um pensamento crítico para mim e para os discentes. Um projeto sem data para acabar.

Interessa refletir sobre um dos modos de praticar pedagogia que é pensá-la atrelada pelo conceito de encruzilhada, termo extremamente explorado nos estudos contemporâneos das ciências sociais, teatro, artes visuais, história, entre outras. A encruzilhada foi soprada, cantada,

encenada, teorizada na década de 1990 por Leda Maria Martins¹¹, pensadora-artista-poetisadotempoespiralar-atriz-performer, para investigar/ler/refletir sobre as questões diaspóricas ao ter a encruzilhada como lugar de tensão, de unidade, de multiplicidade, divergência e convergência. Através das contribuições de Leda Maria Martins para o programa PERSPECTIVAS ANOS 20 da Escola de Arte Dramática - EAD/ECA/USP¹², é possível traçar relações com este artigo para repensarmos nossa responsabilidade docente, por exemplo, em relação ao que a escritora traz como Pedagogias da Ausência (termo pensado por Nilma Lino e Boaventura dos Santos Souza), Pedagogias da exclusão/Pedagogias da ignorância/Pedagogias do apagamento ou dos apagamentos desejados e tentados ao longo dos séculos e, por consequência, refletir sobre como, ao nos deslocarmos do sudeste para o nordeste, podemos agravar, com nossas práticas não-responsáveis, as pedagogias citadas, comprometendo toda uma formação acadêmica. Leda traz ainda, por meio da leitura sobre seu livro *Performance no Tempo Espiral* (a ser publicado), caminhos possíveis para refazimento de pedagogias e escutas, pensando o corpo, o tempo e a ancestralidade como pontos de partida para a compreensão de produção de saber. Desta forma, seus postulados contribuem para que possamos desfazer ignorâncias acadêmicas e ir em busca de riquezas - que até então não enxergávamos ou não reconhecíamos.

(...) O corpo é pensado como lugar de inscrição de epistemes, de poéticas, de estéticas. Corpo como lugar de grafias que não apenas as grafias alfabéticas, ditas letradas. Um lugar de assentamento, de oralituras. Ambiente performático por excelência das performances nas e pelas quais transitam saberes. Um cruzamento entre corpo, história, memória e ancestralidade. (...) A ancestralidade que eu evoco como sofia é uma cosmovisão e uma experiência fundante da nossa africanidade. Nos próprios trânsitos mesmo fundante das encruzilhadas que nos constituem. É agência, é corpóra de conhecimento e de valores, é episteme. É um princípio de cognição, de visão de mundos, de valores, é teleológico. (MARTINS, 2020).

¹¹ Leda Maria Martins é poeta, ensaísta e dramaturga. Doutora em Letras-Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 1991), tem Mestrado em Artes pela Indiana University (USA, 1981). Possui pós-doutorados em Estudos da Performance pela New York University, Tisch School of the Arts, Department of Performance Studies, (1999-2000 e 2009) e em Rito e Performance, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO, 1999). Foi professora visitante da New York University, Department of Performance Studies (2009-2010), e foi docente dos cursos de Letras e de Artes Cênicas da UFMG, entre os anos de 1993 até 2018. Também foi diretora de Ação Cultural da UFMG entre março de 2014 e março de 2018. Autora de vários ensaios e capítulos de livros, muitos publicados no exterior, ela possui relevante produção nos campos do teatro e performance e poesia – entre eles: *A cena em sombras* (1995) e *Afrografias da memória* (2018). Desde maio de 2018, está aposentada pela UFMG. Leda é Rainha da Irmandade do reinado de Nossa Senhora do Jatobá, em Belo Horizonte. Em 2017 foi criado o Prêmio Leda Maria Martins de Artes Cênicas Negras.

¹² Ver bibliografia.

O pesquisador Luiz Rufino¹³ também trabalha a partir do conceito de encruzilhada e indica uma pedagogia possível que pretende dismantlar as do silenciamento, do apagamento, e que colaboram com o projeto de educação do epistemicídio. Em seu livro *Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas* (2018, p.74), o autor elabora que “a Pedagogia das Encruzilhadas mira primeiramente a reinvenção dos seres, a partir dos cacos dismantelados, o reposicionamento das memórias e a justiça cognitiva diante do trauma e das ações de violência produzidas pelo colonialismo.”

A perspectiva apresentada pelas encruzilhadas de Exu se orienta pela noção de cruzo. Assim, essas encruzas e as suas respectivas práticas não versam meramente sobre a subversão. O que se propõe não é a negação ou ignorância das produções do conhecimento ocidental e dos seus acúmulos, tampouco a troca de posição entre o Norte e o Sul, entre o colonizador e o colonizado, entre os eurocentrismos modernos e outras opções emergentes. O que se versa nas potências de Exu é a esculhambação das lógicas dicotômicas para a reinvenção cruzada. São os domínios de Enugbarijó, a boca que tudo engole e vomita o que engoliu de forma transformada. (RUFINO, 2019, P.37)

Importante lembrar que, para Leda Maria Martins, nem tudo se funde, se mescla na encruzilhada. Às vezes, apenas se encostam. (MARTINS, 2020)

Além das reflexões trazidas acima, descrevo abaixo algumas estratégias para a prática docente consciente, ativa, viva, de corpo presente, atenta e responsável pelas forças que aciona no campo da educação. Algumas destas estratégias já têm sido utilizadas por pares docentes, mas todas elas merecem atenção, cuidado e reconstrução cotidiana.

- Discussão dos Projetos Pedagógicos de Curso a fim de analisar e modificar as bibliografias das disciplinas, ampliando as abordagens teóricas e práticas das disciplinas a partir de epistemologias diversas para a abordagem de determinado tema. Esta tarefa de longa duração é um dos caminhos que poderá transformar os cursos universitários e fissurar o padrão de referências eurobrancoheterocentrado.

- Reconstrução das ementas a fim de inserir nos planos de aula perspectivas plurais sobre determinada linguagem ou técnica, tendo como foco a efetivação no Ensino Superior da Lei 11.645/2008, que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena. Para exemplificar, no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFOB, a disciplina *História e*

¹³ Luiz Rufino é pedagogo. Doutor em Educação (UERJ), atualmente realiza pós-doutorado em Relações Étnico-Raciais (CEFET/PPRER). Desenvolve pesquisa sobre crítica ao colonialismo, epistemologias, educações e pedagogias outras e brasilidades.

Cultura Indígena e Afro-Brasileira é oferecida apenas como optativa e sem uma frequência regular. Desta forma, ao mesmo tempo em que proponho a discussão da oferta da disciplina dentro do curso e como torná-la obrigatória, podemos reformular as ementas, incluindo os conhecimentos indígenas e afro-brasileiros. A reconstrução das ementas seria, então, uma das responsabilidades da prática docente consciente com o contexto histórico nacional, em busca do desmantelamento do epistemicídio que se deu na constituição das universidades brasileiras.

- Construção de pedagogias decoloniais, onde as trajetórias de cada discente sejam levadas em conta, observando as potencialidades de criação estética que cada estudante carrega em sua experiência de vida. O contexto da universidade interiorizada possui uma riqueza que é a aproximação dos docentes com os discentes em função dos processos criativos estarem relacionados, em muitos casos, com a vida cotidiana destes; a partir também de uma disponibilidade de alguns/mas/mes discentes abrirem a porta de suas casas e desejarem apresentar suas cidades para docentes. Nesta aproximação, conseguimos propor um cruzamento entre as atividades de discentes com as disciplinas. Por exemplo, o trabalho na construção civil pode colaborar com um projeto das Artes Visuais na disciplina Tridimensional. Um trabalho em crochê que um/e/a discente faz pode ser reelaborado para uma instalação urbana, entre outros diversos exemplos de construções estético-teóricas. Estas possibilidades de criação pedagógica fazem com que os conhecimentos que cada discente vivencia até entrar na universidade ampliem as possibilidades de construir conhecimento na academia, ao invés de o silenciarem .

- Desconstrução da posição docente hierarquizada, para que a pessoa docente esteja aberta a não saber, a descobrir, na troca com discentes, outras formas de ensinar e aprender. Com base nisso eu pergunto ao meus colegas de profissão: Como ajudar a promover a consciência política com relação à raça, classe, gênero e sexualidade de estudantes quando nós, docentes, 1. não estamos preparados/as/os, 2. não nos interessamos em modificar nossas práticas; 3. não escutamos as denúncias e incômodos de estudantes? O cargo vitalício das universidades tem criado uma camada de brilhantes tronos, carcomidos por cupim. Neste ponto apoio a crítica em bell hooks¹⁴ para refletir a partir do seguinte trecho:

¹⁴ bell hooks nasceu em 1952 em Hopkinsville, uma cidade rural do estado de Kentucky, no sul dos Estados Unidos. Batizada como Gloria Jean Watkins, adotou o nome pelo qual é conhecida em homenagem à bisavó, Bell Blair Hooks. Formou-se em literatura inglesa na Universidade de Stanford, fez mestrado na Universidade de Wisconsin e doutorado na Universidade da Califórnia. Seus principais estudos estão dirigidos à discussão sobre

É fascinante ver como o mascaramento do corpo se liga ao mascaramento das diferenças de classe e, mais importante, ao mascaramento do papel do ambiente universitário como local de reprodução de uma classe privilegiada de valores, do elitismo. Todas essas questões são desmascaradas quando a civilização ocidental e a formação de seus cânones são questionadas e rigorosamente interrogadas. É exatamente isso que os acadêmicos conservadores consideram ameaçador – a possibilidade de que estas críticas desmontem a ideia burguesa do “professor universitário” e de, como consequência, as noções da nossa importância e do nosso papel como professores na sala de aula tenham de ser fundamentalmente modificadas. Enquanto escrevia os ensaios deste livro, eu pensava continuamente no fato de conhecer professores progressistas, que tiveram a disposição de mudar os currículos de seus cursos, mas na verdade se recusaram resolutamente a mudar a natureza da sua prática pedagógica. (hooks, 2013, pp.186/187)

O trecho citado nos ajuda a pensar sobre a necessidade de reavaliarmos a natureza de nossas práticas pedagógicas enquanto professores/as universitários/es/as a partir da compreensão de um passado e presente de práticas elitistas das universidades. Estas práticas são criadas e mantidas pela categoria docente e em muito contribuem não só para um problema de classe, como trazido por bell hooks, mas para diversas situações críticas onde violências raciais, de gênero e sexualidade são aprovadas pela estrutura (também composta por professores/as). O silenciamento costuma ser a ferramenta de aprovação.

- Escutar e aprender com a arte local. Acrescento a necessidade de reconstrução da concepção de arte dentro do ensino das Artes Visuais, ao observar a desvalorização da produção artística local (Oeste da Bahia) por docentes formados nas academias do sudeste. A relação da universidade com a produção artística regional é imprescindível para que possamos compreender o território no qual ensinamos e aprendemos Artes Visuais. Além disso, a escuta e a valorização destas manifestações artísticas locais nos possibilita sair da ignorância rumo a uma abertura epistemológica.

raça, gênero e classe e às relações sociais opressivas, com ênfase em temas como arte, história, feminismo, educação e mídia de massas. É autora de mais de trinta livros de vários gêneros, como crítica cultural, teoria, memórias, poesia e infantil. Fonte: <https://elefanteeditora.com.br/quem-e-bell-hooks/> Acesso em 24 mar. 2021. Para bell hooks, nada tem mais importância do que as ideias e o conhecimento: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Por isso, bell hooks escreve seu nome desta forma: somente com letras minúsculas. Fonte: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/> Acesso em 24 mar. 2021.

- Como último ponto das estratégias deste texto, matar o branco que há em mim, todos os dias. O branco que atravessa meus sonhos/pesadelos, pensamentos e gestos. Vocês sabem que branco é esse. *Mate o branco dentro de você* é frase de Lorenzo Kom'Boa (Chattanooga, Tennessee, EUA - 1947), escritor, ativista, anarquista e ex pantera negra. A frase se tornou pensamento, pixo, escrita, vídeo, como na videoperformance¹⁵ das artistas Bruna Kury¹⁶ e Walla Capelobo¹⁷, no qual cada pessoa artista é convidada a matar o branco dentro de si, ao mergulhar nas feridas coloniais que formam suas corpovivências.

O que eu pergunto para mim e para as pessoas não racializadas que me escutam e, com mais ênfase ainda para as pessoas docentes é: qual a responsabilidade histórica de seu corpo no território que você vive? Como você lida com ela na prática cotidiana? Quais ações artístico-político-pedagógicas você desenvolve como compromisso da educação?

Neste território que me encontro, tenho a oportunidade de repensar meus deslocamentos, através de uma prática docente responsável. Retomando o título deste trabalho *A RESPONSABILIDADE DA PRÁTICA DOCENTE NO DESLOCAMENTO SUDESTE - NORDESTE*, penso que responsabilizar nossos corpos, a partir de um entendimento dos processos históricos que fundamentam nosso país pode ser o início de uma possibilidade de mudança no campo da educação. Me coloco como responsável por fissurar os arquivos da história da arte, das práticas corporais e dos processos pedagógicos e convoco as demais pessoas

¹⁵ Ver bibliografia.

¹⁶ Bruna Kury é brasileira, anarcotransfeminista, performer, artista visual e sonora, atualmente reside em São Paulo (BR) e desenvolve trabalhos em diversos contextos, seja no mercado institucional da arte ou em produções de borda. Focada em criações atravessadas por questões de gênero, classe e raça (contra o cis-tema patriarcal heteronormativo compulsório vigente e a opressões estruturais-GUERRA de classes). Já performou com a Coletiva Vômito, Coletivo Coiote, La Plataformance, MEXA e Coletivo T. Atualmente investiga sonoridades no pósporno e a criação de objetuais que são ramificações do trabalho com performance. Participou da residência artística Capacete no Rio de Janeiro, Comunitária na Argentina, Festival Anormal no México, esteve recentemente compondo a organização da residência pósporno-prata em Fortaleza (CE) e performou no festival Libres y Soberanas aka Performacula em Quito no Equador. Fonte: <https://brunakury.weebly.com/mateobranco.html> Acesso em 24 mar.2021.

¹⁷ Walla Capelobo é, por suas próprias palavras, mata escura, lama fértil. Transfeminista contracolonial, artista e curadora independente. Graduada em História da Arte (EBA/UFRJ), mestranda no PPGCA –UFF. Compõe conhecimento, experimentações artísticas a partir das heranças de bem viver e existência recebida pela fina camada de sua pele. Criações que recria o mundo, sua “corpa”, suas dores e suas curas. Atua em grupos de estudos, Formas de habitar o presente (UFRJ) e GeruMaa: filosofia e estética africana e ameríndia (UFRJ). Fonte: <https://brunakury.weebly.com/mateobranco.html>. Acesso em 24 mar.2021

para o mesmo, cada uma na encruzilhada que lhe cabe e sem o romantismo “cishéterobrancoacadêmico”.

Importante acrescentar neste encerramento-abertura de pensamento que as estratégias aqui citadas são direcionadas às pessoas docentes que fazem/fizeram o deslocamento sudeste-nordeste e lecionam nas universidades interiorizadas, mas certamente pode inspirar todas aquelas que buscam pedagogias decoloniais para a formação universitária. Vale dizer, ainda, que as transformações só serão possíveis a partir de um esforço coletivo de docentes, discentes e das instâncias da estrutura universitária aliadas ao que bell hooks (2013, p.191) chama de “compromisso fortíssimo, uma vontade de lutar”.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Silvio. **História da discriminação racial na educação brasileira** - Escola da Vila, 2018. Link de acesso: https://www.youtube.com/watch?v=gwMRRVPI_Yw

CAPELOBO, Walla; KURY, Bruna. Videoperformance **Mate o branco dentro de você!** 2020. Disponível em <https://youtu.be/YQRJR9z6fKY> .

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MOMBAÇA, Jota. Entrevista para o site www.negrxs.com. Link: <https://www.negrxs.com/de-negrx-a-negrxblog/2018/6/28/la-inocencia-blanca-es-un-dispositivo-de-naturalizacin-de-la-violencia> Acesso em 24 mar. 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** #Publicação comissionada pela Fundação Bienal de São Paulo em ocasião da 32a Bienal de São Paulo - Incerteza Viva. 2016. Disponível em https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic_a_o_da_vi Acesso em 28 jul. 2019.

O PÓS-COLONIAL não existe. Texto-manifesto coletivo. In: CONGRESO DE ESTUDIOS POSCOLONIALES, 3., 2016. Comunicado dxs corpys dissidentes racializadx sobre o epistemicidio e racismo. Disponível em: <https://medium.com/@loposcolonialnoexiste/comunicado-de-lxs-cuerpys-disidentes-racializadx-sobre-el-epistemicidio-y-racismo-en-el-iii-d9d21f236950>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

PAVÃO, Violeta. Cartografias alteradas: corpys em escavação. 2017. 160f. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Contemporânea) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em http://www.btd.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=13299. Acesso em 25 fev.2021.

PERSPECTIVAS ANOS 20 - CONVERSA COM LEDA MARIA MARTINS (2020) 02:00:31. ECA-USP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eggNmvlmk8E&feature=youtu.be>

PREFEITURA DE SANTA MARIA DA VITÓRIA (BA). **História de Santa Maria da Vitória**. Disponível em <http://santamariadavitoria.ba.gov.br/site/o-municipio-samavi/> Acesso em 28 jun.2019.

RUFINO, Luis Rufino. **Pedagogias das Encruzilhadas**. REVISTA PERIFERIA, V. 10, N. 1, JAN./JUN. 2018 - AFRODIÁSPORA E TERREIROS; Publicação eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – PPGECC/UERJ.ISSN: 1984-9540. Rio de Janeiro: UERJ, 2018. Link: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/31504> . Acessado em 18/06/2019.

RUFINO, Luis Rufino. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SILVA, Conchita. Fala pronunciada em conversa informal com a autora. 2019.

WALSH, Catherine. “**Introducción. Lo pedagógico y lo decolonial: Entretejiendo caminos**”. En: Pedagogías decoloniales. Prácticas insurgentes de resistor, (re) existir y (re)vivir, Tomo I. Quito: Abya-Yala, 2013.

Bibliografia consultada

AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Entrevista concedida para o portal Geledes, 2018. Disponível em <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade/> . Acesso em 29 jun.2019.

MBEMBE, Achile. A ideia de um mundo sem fronteiras. Revista Serrote N.31. São Paulo: Revista Serrote, 2019. Disponível em <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/> Acesso em 30 jun. 2019.

SANTOS, Sales Augusto dos (Organizador). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2005. Disponível em http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/acoes_afirm_combate_racismo_americas.pdf Acessado em 29 jul. 2019.

Artigo recebido em: 24 de janeiro de 2021

Artigo aprovado em: 28 de março de 2021